

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhada-Lisboa — Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalala, 114 e 116

ATUALIDADE

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A QUESTÃO DO INQUILINATO

Povos enérgicos?

Governos dóceis

O problema da habitação está cada vez mais difícil de resolver, porque cada vez é maior a população nas cidades, principalmente em Lisboa e Porto, as duas capitais do país.

Não é apenas em Portugal que este facto se verifica. O mal é geral. Em Inglaterra, França, Alemanha e tantos outros países, luta-se com dificuldades idênticas. As outras nações tiveram o cuidado de, na impossibilidade de evitá-las, pelo menos remediá-las tanto quanto possível. E para que se remediara o mal os vários estados burgueses viram-se na necessidade de criar leis violentas contra os abusos dos senhorios. Em França a lei do inquilinato é severa; na Alemanha é três vezes mais violenta do que a lei francesa.

Nós sabemos que as leis sempre podem ser eludidas pelos grandes, pelos que têm dinheiro. Mas o que convém aqui notar é que esses governos não aprovaram leis de tal natureza se os povos, os governados, não apresentassem as suas reclamações numa forma enérgica e decisiva.

Se compararmos o procedimento dos governos estrangeiros, a que aludimos, com os deste país, temos que reconhecer que os nossos governantes estão muito mais corrompidos e que as suas espíndulas se curvam mais facilmente perante o primeiro grupo de imbecis endinheirados que o pretenda. O governo transacto, elaborando um projecto de lei que em vez de anular o já desgracioso inquilinato, ainda mais o virá a prejudicar depois de aprovado, demonstrou bem quanto de verdade encerram as nossas palavras. E, que se registre este caso importante: tam confiados estão os senhorios na aprovação do referido projecto que já começaram a pôr em execução as injustiças que a futura (?) lei lhes permitia.

Parce que obedecendo a um *mot d'ordre*, os proprietários estão exigindo aumentos de renda, que a lei ainda em vigor lhes não permite e que a bolsa de quem trabalha honradamente não suporta.

Estamos absolutamente convencidos de que se os inquilinos, todos os inquilinos, não realizarem um movimento de enérgico protesto, movimento que vá até onde for preciso, até que os senhorios se convençam de que tem de entrar na razão, dentro de pouco tempo não haverá féria nem ordenado que resistam ao preço exorbitante das casas de moradia, e a legião dos que dormem ali pelos cantos, sem eira nem beira, aumentará terrivelmente.

Um dos males para os qual não há lei, nem interessados que se mexam e tratem do assunto, é o dos quartos e partes de casa. Pode afirmar-se afoitamente que a maioria desses indivíduos pouco escrupulosos que arrendam quartos faz o que entende. Despede, aumenta, vexa, insulta e os governos, sempre apressados em inventar leis coercitivas para os que nada possuem, não vêem, não querem ver as infâmias que esses indivíduos vêm praticando, dia a dia, impunemente. Mas as leis fazem-nas os povos. Se as vítimas se unissem e fizessem soar bem alto o brado de justiça; se não se acobardassem ante uma minoria — porque afinal é um punhado de ricos malfetores que está asfixiando uma população inteira — estamos convencidos de que metade dessas injustiças não se praticariam.

Por sua vez os governos, que não permitem ao povo que trate como entende das suas questões, também não ouvem os protestos, tam entretidos se encontram nos jogos malabares da política — do sai tu para eu entrar.

Sendo o mal originado, na sua maior parte, na falta de habitações, não culmaram os governos de atacar esse mal pela raiz, ou quasi pela raiz, porque para eliminar todos os defeitos desta questão seria necessário eliminar também a propriedade privada, e não há governo burguês, pela simples razão de ser burguês, que se abalasse a tal. Porém, nós, que ainda não podemos neste angustioso momento, realizar a nossa revolução emancipadora, temos o direito de lutar. E será tanto maior o seu esforço, quanto mais as nossas questões, quanto maior for a nossa energia. Os governos são marionetas. E se for preciso, amealhamos.

Oxalá não seja necessário usar dos meios extremos, e estamos convencidos de que não será, porquanto a justiça da nossa causa é tam flagrante que só não a vemos os que forem cegos, absolutamente cegos.

Se é, pois, na falta de habitações que reside o mal, porque não tratam os governos de atacá-lo precisamente nesse ponto?

Os alemães, esses *selvagens sanguinários*, que os aliados (e Portugal também é aliado) querem castigar, mostram-se muito mais civilizados nesta questão. A sua lei do inquilinato é um ataque cerrado à falta de habitações; não se permite um palácio deshabitado, e o rico que possui uma ou duas vivendas tem que contentar-se com uma apenas, porque uma tem de lhe chegar, para reeder, a requisição do governo, as outras são que precisam morar, as que necessitam dum abrigo. E uma lei que chega quasi a atacar a propriedade privada. O senhorio delinqüente não poderá dispor da sua propriedade; tem de cedê-la por utilidade pública, contentar-se-há em receber a renda que as autoridades, um pouco mais honestas do que as nossas, estipulam. Não escapam os palácios nem as cocheiras. Tudo, onde, salvaguardadas as medidas higiénicas (lhes cuidam bastante da higiene do lar) possa receber um leito, alugar um residuo mobiliário e acolher uma família, é posto ao serviço do povo, por preços tanto quanto possível moderados.

Não pretendemos nós aqui ensinar os governantes a fazer leis. Desejamos apenas elucidar, e comparar as melhores intenções do governo burguês português com as amadilhadas hipócritas que constituem as leis dos governantes portugueses.

A lei alemã não tem portas falsas. Não queremos dizer com isto que ela não seja iludida. Porém, se tal facto se dá a culpa não é da lei, mas sim dos moldes em que as sociedades capitalistas — como a germânica, como a portuguesa — são vasadas.

Para melhor elucidação dos governantes e dos governados, publicaremos brevemente algumas das principais disposições da lei do inquilinato alemã e então veremos os governos cá da terra o que é a selvaria germânica.

Que não fiquem, porém, os inquilinos fumando o seu cigarro regaladamente ao canto da lareira, à espera que os governantes portugueses aprovem uma lei copiada do figurino alemão. Mesmo que tal acontecesse, que uma lei idêntica fosse por cá adoptada, continuariam os senhorios a fazer o que lhes aprovesse, desde que as suas vítimas não se unissem e não mostrassem a sua disposição em fazer respeitar os seus incontestáveis direitos.

Os inquilinos que não durmam!

NOTAS & COMENTARIOS

Amigos, amigos...

...mas negócios à parte. Os caminhos de ferro do Estado, na Norte América, puzeram a concurso o fornecimento de 10.000 rodas de vagom. Apresentaram-se concorrentes nacionais e concorrentes estrangeiros. Pois vão a examinar as propostas e reconhece-se que a mais vantajosa de todas era a da Alemanha. Não se julga que se tratava de qualquer insignificante diferença que altas razões patrióticas podiam desprezar. Não senhor. A Alemanha fornece as 10.000 rodas por metade do preço apresentado pelo mais barateiro dos outros concorrentes. Os Estados Unidos resolveram aceitar a proposta alemã, deixando ao custo as outras quinze. Quando se vêem em jogo interesses materiais, é aatenar no recado plano a que se regem os altos interesses patrióticos. Isto depois de ter-se verificado que não pagaria a Alemanha as chorudas indemnizações que lhe reclamaram.

Dinheiro forte

O dinheiro português em relação ao do Brasil é considerado *forte*. Duma força espantosa. A fortaleza tem-lhe ido aumentando com a idade, que é um gosto ver tamanha medrança. O dinheiro português está hoje a nível de um escudo do nosso país vale actualmente três carapaus, desde que estes não tenham passado da infância, quando não já o preço é outro. E' ver e admirar a força do nosso dinheiro. Mil-réis do Brasil não sabemos para quantos carapaus darão. O que sabemos é que essa unidade monetária não corresponde a mais de setenta e tal centavos portugueses. E' aqui que a fraquesa da moeda brasileira se patenteia. Eles, os brasileiros, não conseguem com mil réis da sua nação obter mais que setecentos ou oitocentos réis de Portugal. No último grau de decadência, aquela nação brasileira...

Uma pensão

Foi aprovada no Parlamento uma pensão anual de dois contos e quatrocentos mil réis para a família do dr. Pedro de Matos, há tempos morto a tiro. A morte do dr. Pedro de Matos foi um incidente, aliás já meio olvidado, das lutas sociais. O governo apressa-se a acutelar a situação económica das classes pessoas para quem o assassinato era o amparo. Este procedimento, dum cunho visivelmente humanitário, seria totalmente admissível se não houvesse uma circunstância a esprovar-lo. E' a de se não ter nunca adoptado procedimento idêntico em relação à família daqueles trabalhadores que o mesmo delinqüente salvalístico dum soldado vitimou. Em Gaia, em Setúbal, no Algarve, em muitas outras partes, tem sido assassinados operários, chefes de família que, na mor parte dos casos, nem vistos nem achados eram nos movimentos grevistas que serviam de pretexto e desculpa às ferozes bestialidades da tropa. Pois não há memória de ter alguma vez o parlamento procurado salvaguardar da miséria aquelas famílias inocentes que ficaram privadas de arrimo por lhes terem morto o chefe, inocente ele também. Como se justifica pois esta excepção em benefício da família do dr. Pedro de Matos? O humanitarismo está bem. Mas quando ele se exerce com tam revoltante parcialidade constitui uma provocação à consciência dos amantes da justiça.

O DIA DAS MULHERES

A Internacional Comunista

dirige um manifesto às mulheres de todo o mundo

Informa-nos a *Rosa* que o secretário da Internacional Comunista de Moscú dirigiu aos operários e operárias de todos os países o manifesto seguinte:

«Camaradas! Operários e operárias! Proletários de todos os países!

A data histórica de 8 de Março, o dia das mulheres, aproxima-se. E' o dia, durante o qual os verdadeiros comunistas de todos os países e a Internacional Comunista mostrarão como é grande o número de operárias, que, com toda a sua consciência, opõem ao mundo burguês e capitalista a ditadura do proletariado triunfante.

O dia internacional das mulheres será a demonstração da solidariedade das operárias de todos os países que aceitam o *mot d'ordre* da acção revolucionária comunista. O dia internacional das mulheres tem por fim mostrar claramente às grandes massas de operárias que só o partido comunista representa os seus interesses, que só a ditadura do proletariado poderá merecer a simpatia das mães e esposas vítimas da miséria, da falta de trabalho, da crise de habitações, da falta de cuidados para seus filhos. Os sofrimentos das operárias ultrapassam, nos estados capitalistas, durante estes últimos anos, todas as medidas. A mortalidade infantil cresce, a prostituição e as doenças desmoralizam a população, arruinam-lhe a saúde física e moral. A falta de trabalho torna proporções tais que torna evidente que o capitalismo jamais poderá regular a produção e as forças económicas, no interesse geral. Os sofrimentos das populações pobres atingiram o seu limite. Não haverá liberdade, nem saúde enquanto a burguesia detiver o poder.

«O fim principal do nosso dia internacional da mulher é uma afirmação de solidariedade entre todas as operárias de todos os países. A 8 de Março organiza-se...

Os livros e os autores

Repto ao mundo, por Francisco Alves, Lisboa, 1920.

Noções elementares de espiritismo lhe chama o autor, como quem diz, um compêndio de iniciação. Mas a não ser uma pequena transcrição da obra *No invisível* de Léon Denis sobre a formação e direcção dos grupos, o que vemos no livro são longas perorações apologeticas, hinos laudatórios, declamação. Embora o espiritismo tenha aparentemente a sua esfera da acção nos domínios do sobrenatural e fora da fenomenologia ordinária, as teorias espíritas só podem ser admitidas pela razão quando controladas pela mesma razão. E' por métodos científicos, experimentalmente, que os fenómenos médiumnistas devem ser observados e não com divagações metafísicas e especulações abstratas. Pretender já fundar sobre um terreno tão movediço, sobre conceitos vagos e nebulosos, uma teoria cosmogónica ou mesmo um programa doutrinario reformador, é absurdo e é contraproducente. Se não tivéssemos sobre o espiritismo noções mais concretas do que aquelas que nos oferece o *Repto ao mundo* não era o autor que lograva convencer-nos. Pelo contrário.

O erro de quasi todas estas criaturas que se dizem adeptas do espiritismo é fazerem dele uma nova teosofia, servindo-se dele para melhor conhecerem Deus, quando afinal nós muito pouco sabemos ainda dos fenómenos espíritas.

Deslizar o espiritismo de todo o pré-julgo metafísico, estudá-lo scientificamente e com elementos da razão é a única maneira de ser útil ao espiritismo e dissociá-lo do charlatanismo mistificador com que o encara a maioria das pessoas sensatas.

Que o espiritismo seja o que o sr. Francisco Alves quer, é possível. Não no-lo demonstra, porém, o que nos impede de crer. O livro é até de molde a fazer-nos descer das possibilidades reais do espiritismo. De facto, o último capítulo, em que nos é descrito o planeta Marte por comunicação obtida num grupo espírita de Lagos — que parece um capítulo das *Viagens de Gulliver* — não pode ser admitido de boa fé.

Por essa comunicação fica-se sabendo que a mulher em Marte «usa calção fino e gracioso até ao meio e meio acima do pé...», etc. Se Flammarion, que revela ali tendências espíritas, podesse com tanta facilidade como os iniciados de Lagos obter mediunicamente aquisições científicas sobre Marte, certamente que este planeta não se nos conservaria ainda tam obscuro, mesmo depois dos estudos profundos (e publicados em obra especial) que o illustre astrónomo fez acerca dele durante anos e anos.

Ribatejanos, contos, por Neves de Carvalho, ed. Sociedade Editora Portugal-Brasil, Lisboa, 1920.

Não esquece Neves de Carvalho os tempos saudosos da infância na sua risonha e graciosa Benavente, a qual dedica esta nova obra.

O autor das *Flagrâncias lisboetas*, de que nos ocupámos já nesta secção, dá-nos nos *Ribatejanos* uma série de aquarelas regionais admiráveis de realidade e de colorido.

Tudo o Ribatejo perpassa com suas paisagens e costumes pitorescos, suas loiras movimentadas e cheias trágicas, evocado com mão segura e hábil de quem tudo conhece aos olhos fechados. As personagens são bem estudadas e verdadeiras. A elaboração prende e interessa. Os episódios são comoventes e emocionantes como a morte da Primavera no conto *A Desafrenda*.

E' incontestavelmente um belo narrador o sr. Neves de Carvalho e as

Ainda o aniversário de "A Batalha"

Continua *A Batalha* a ser muito felicitada pela passagem do seu segundo aniversário, tanto pelo proletariado, como pela imprensa operária do país.

Escusado será repetir a todos os que nos enviam as felicitações, que hastante nos tem sensibilizado essas sinceras manifestações de apreço.

Saúdações da imprensa operária

No seu último número, o nosso precioso colega *O Eco Telegrafico-Postal* dirige-nos as palavras de simpatia que a seguir transcrevemos:

Passou no dia 25 do m. p. o segundo aniversário desta doctíssima *Batalha*. Dois anos de trabalho e dedicação expandida em prol da classe trabalhadora, sendo o maior com obstáculos da luta a ordem, sobretudo com as que derivam da rotina e da moral, para se desempenhar cabalmente da sua missão, mostram bem a importância e o carácter dos camarádas que estão à sua frente.

E, não obstante, a dificuldade do seu aparecimento até hoje, as dificuldades para a impressão e a distribuição, a *Batalha* ainda se não alustou um único sequer desses obstáculos que a si própria trouxe na defesa não só dos trabalhadores, mas também da causa de regeneração e moralidade.

Por isso ela se tornou creadora da nossa estima e os seus componentes, nossos camaradas e amigos, colaboradores da nossa mais elevada actividade.

A todos, pois, abraçamos num amplo fraterno, fazendo votos pelas suas prosperidades e pelo seu brilhante futuro, em todo o caminho que tem trilhado até aqui.

O Sindicato Unico Metalúrgico do Porto enviou-nos a carta que segue:

Camaradas. — Encarrega-me a Comissão, da iniciativa do Sindicato Unico Metalúrgico do Porto de levar ao vosso conhecimento que foi exarado no acto um voto de saudação pelo passado para o 2.º ano de publicação desse interessante campeão da imprensa, que é o nosso órgão *A Batalha*. Fazemos ardentes votos pela sua prosperidade e pelo seu brilhante futuro, em todo o caminho que tem trilhado até aqui.

Também a Comissão Escolar do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa nos expressa assim o seu júbilo:

«Esta comissão em seu reunião, resolveu saudar o nosso órgão *A Batalha* pela passagem do seu 2.º aniversário, fazendo os mais sinceros e ardentes votos para que continue lutando em defesa dos oprimidos. O secretário — Adolfo Correia de Sousa.»

De Vila do Conde recebemos a seguinte e entusiástica carta:

Caro amigo redactor. — E' do meu espirito revolucionário é enchebado pela fragorosa sublime que tem exalado da encarnação viva — *A Batalha* — que partem as mais vivas e fraternas saudações para ela e todos esses meus mil admirados, camaradas colaboradores, nesta data do seu 2.º aniversário.

Mas é do meu coração, — captivado por tam gentil e encantadora flor, — que sae o meu ardente voto de regozijo, pela feliz continuação desse sublime perfume que ela tem exalado, e que tanto tem consolado os oprimidos e libertados, vítimas da imperfeição do sistema politico, económico e social, que todos os corações e almas bem formados combatem, estorcendo-se e sacrificando-se pela realização do seu mais perfeito e belo, onde possam brilhar, em todo o seu esplendor, duma vez para sempre: o Direito, a Justiça e a Verdade, por serem estas três essências do esplendor da vida humana. Abraça todos os camarádas da redacção este vosso e da causa — Manuel Candido Machado.

O nosso correspondente de Ponte de Lima, em seu nome e do operariado local, saúda *A Batalha* nestes termos:

Meu caro amigo Alexandre Vieira: — Ao constatar o 2.º aniversário da nossa querida *Batalha* é com júbilo que em meu nome e de todo o operariado local venho transmitir as minhas felicitações ao amigo redactor e a todos quanto dentro dessas oficinas trabalham, pela comemoração de dois anos de existência de um paladino da verdade e da justiça defensor ineterato das classes oprimidas.

Descelemos muitos os camarádas de vida, enviamos-lhe os nossos sinceros e ardentes votos. Em meu nome e de todo o operariado — Gonçalo Ferreira.

Em Viana-do-Castelo

O comissário de policia e a instrução

Referimo-nos ontem à atitude das autoridades de Viana-do-Castelo sobre a apreensão de livros escolares e encerramento do Centro Comunista daquela cidade, segundo um telegrama que dali recebemos.

Comunicações que dali nos enviaram, melhor nos elucidam do que se passou. O reaccionarismo local aqui vinha preparando na sombra contra aquela organização; não só junto da autoridade superior do distrito como das criaturas que desinteressadamente tomaram o encargo de leccionar diversas disciplinas aos sócios do Centro, que tinha a funcionar aulas de primeiras letras, português, francês, inglês, literatura, sciências naturais, etc.

O trabalho dos reaccionários produziu os seus efeitos, e assim, na quarta-feira, pelas 22 horas, encontrando-se na sede quatro operários que estudavam, entraram o comissário de policia e o respectivo chefe, que, após uma simples troca de palavras, convidaram-nos a retirar-se, apreendendo os livros escolares e a chave.

O sr. comissário de policia não quer, decerto, que os operários se instruaem, quando, afinal, no tempo da propaganda republicana se proclamava a necessidade de difundir a instrução por todos os cantos do país, devido à grande percentagem de analfabetos. Porém, o sr. comissário, que provavelmente desconhece essa propaganda porque não lhe agradaria ou então não quer a instrução do povo, influenciado por criaturas muito tementes, deu-lhe para encerrar um centro onde se ministrava a instrução.

E a prova de que outra coisa não é, basta conhecer as pessoas que de boa vontade se ofereceram para leccionar, e que são: o sr. Júlio de Lemos, escritor e secretário da câmara municipal e do Instituto Histórico do Minho, que ainda há dias ali realizou uma conferência muito apreciada; o sr. Júlio de Mota, secretário da administração do concelho, e o sr. António Miranda, funcionário público. Estas criaturas não podem ser suspeitas ao sr. comissário, a não ser que os reaccionários o envenenassem de forma a duvidar delas.

E' o ódio à instrução dos proletários que se manifesta claramente. Querem o povo sempre estúpido e para isso negam-se afirmações passadas.

Crêmos que a arbitrariedade não se manterá, devendo o comissário de policia reparar-lhe a para bem da instrução e da instrução do povo.

Uma comissão de operários daquela cidade foi entender-se com o governador civil, não sabendo ainda nós o que se terá passado.

Partido Comunista

Reünem amanhã, às 14 horas, na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, n.º 225, 1.º, os fundadores deste partido, devendo alguns desses elementos expor quais os fins e vantagens da constituição do partido.

Na mesma sessão serão nomeados os corpos administrativos que devem ficar à frente deste organismo até ao futuro congresso.

A comissão convida a assistir à sessão todos os elementos que se interessam pela transformação da presente sociedade.

A FAVOR DE "A BATALHA"

Grande festival

promovido por uma comissão de amigos do órgão operário

Como temos dito, é no dia 18 deste mês que se realizará a grandiosa festa promovida por uma comissão de dedicados amigos, a favor de *A Batalha*.

O espectáculo promete ser grandioso, porquanto a referida comissão está tratando do assunto com entusiasmo e a empresa do teatro Gimnásio, onde terá lugar a festa, tem mostrado grande interesse e boa vontade em contribuir para o seu êxito.

Já na administração da *Batalha* foram muito procurados os bilhetes, que brevemente a comissão porá à venda para o público. Também já a mesma comissão, por intermédio de *A Batalha*, preveniu os sindicatos de que poderão fazer as suas requisições até ao dia 8.

Os preços são os seguintes: Frisas, 15000 e 12500; camarotes de 1.º, 16020 e 15000; de 2.º, 15500, 12500 e 11540; de 3.º, 7500; fauteuils de orquestra, 4530; centrais, 3570; fauteuils, 3510; fauteuils suplementares, 3510; cadeiras, 1900. Balcão (frente), 1545; balcão numerado, 775. Promenoir, 770.

EM ALMADA

Espera-se o açúcar

E a Câmara não ata nem desata

Há cinco meses que não aparecia em Almada açúcar escuro, ao preço da tabela. Nessa ocasião o actual presidente da comissão executiva da Câmara gritava contra a comissão transacta.

Agora, sabe-se de fonte segura que há nove dias que se encontra em poder da presente comissão executiva o açúcar, que devia ter distribuído imediatamente.

E o presidente, que gritava noutro tempo, cala-se.

Segundo nos consta, a comissão vai servir primeiramente os amigos e afilhados e quando não houver senão os sobejos destiná-los há ao público.

A moralidade...

A falta de trabalho nos Estados Unidos

Estão aproximadamente na América do Norte três e meio milhões de homens e mulheres sem trabalho.

Cada um procura a seu modo fugir às tristes consequências desta calamidade, e assim é que muitos trabalhadores de Nova York entenderam por melhor andar vergonhosamente pelas casas e igrejas da cidade, pedindo a divindade para os livrar desta desgraça.

Em Lawrence, por exemplo, os trabalhadores mostram-se mais conscientes dos seus direitos e deveres, e assim, a propósito da redução de 22.º dos salários, o secretário da Associação dos Operários Têxteis fez as seguintes declarações:

«Replicamos que bem reconhecemos a nova declaração de guerra, e que a luta continuará até que nos reconheçam como seres humanos, cujos direitos à vida, à liberdade e à felicidade não devem ser considerados arbitrariamente como «desnecessários e extravagantes» por um grande senhor industrial. A redução dos salários é um novo e desumano ultrage premeditado para tornar permanente as presentes condições de pobreza; significa que os trabalhadores tem de pagar 22.º dos seus salários pelo privilégio de trabalhar.

Acrescente-se ainda que o custo de vida não desceu nada, que se pareça com 22.º, mas mesmo que assim sucedesse não era motivo para a redução, pois que os trabalhadores tem mais direitos à vida confortável do que aqueles que nada produzem de útil.

Partido Comunista

Buscas domiciliares — Falta de trabalho

BILBAU, 4. — Continuum as buscas domiciliares, sendo feitas muitas prisões.

Agrava-se a crise do trabalho marítimo. Estão amarrados mais de setenta barcos. — *Rádio*.

A policia continua a procurar a hidra

BARCELONA, 4. — A policia continua nas diligências de descobrir os últimos atentados sindicalistas.

Realizou-se uma reunião presidida pelo marquês de Comillas afim de solucionar o conflito bancário. — *Rádio*.

Para gastar na matança

MADRID, 4. — Na sessão de hoje fez um discurso o conde Morera.

No projecto orçamental as despesas da guerra figuram com 454.241.092 pesetas; as da marinha com 124.803.718; as despesas em Marrocos 185.899.944. — *Rádio*.

CARTA DE BARCELONA

Assassinatos sobre assassinatos

Os «desconhecidos» são policiaes e guardas civis disfarçados

Prosseguem, cada vez com mais fúria, os assassinatos dos operários. Realizam-se estes com a mais completa impunidade, sendo seu organizador o general que rege os destinos de Barcelona, a quem o governo de Madrid concedeu carta branca para ele pôr fim à vida dos Sindicatos operários.

Há dias foi morto com dois tiros o fabricante Pareto, da arte têxtil e, por esse motivo, houve, no dia seguinte, quatro operários feridos gravemente. Ontem também foi assassinado o trabalhador Andrés Valls, às três horas da tarde, num café. A's seis e quinze minutos, à saída do trabalho, foi agredido por uns desconhecidos um grupo de operários, morrendo um deles, Ramon Claveria, e ficando gravemente feridos Francisco Domingo e Emilio Cervantes. Mais tarde deu-se outra agressão, resultando ferido Miguel Trezerras. Todos estes operários pertenciam ao Sindicato Unico.

Os desconhecidos são policiaes e guardas civis disfarçados. A Patronal procura, por meio dos seus agentes, atenuar para justificar a repressão e logo a autoridade se encarrega do resto.

Isto é ignominioso, mas é verdadeiro.

